

Extensão Universitária e Formação Profissional: avaliação da experiência das Ciências Biológicas na Universidade Federal de Pernambuco

MARIA DO SOCORRO SILVA

Licencianda em Ciências Biológicas. Centro de Ciências Biológicas
da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE
socorroccb@yahoo.com.br

SIMÃO DIAS VASCONCELOS

Professor Adjunto do Departamento de Zoologia da Universidade Federal de
Pernambuco. Centro de Ciências Biológicas da UFPE
simaovasconcelos@yahoo.com.br

Resumo

A educação superior no Brasil prioriza o ensino e a pesquisa, sem valorizar as atividades de extensão como indispensáveis para a formação profissional. Neste trabalho, apresentamos uma análise das ações de extensão no Centro de Ciências Biológicas (CCB), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), realizadas entre 2000 e 2003. No período foram executadas 110 ações extensionistas, entre projetos, eventos e cursos. Analisamos as modalidades, linhas de ação, público-alvo beneficiado, envolvimento acadêmico, produção científica, financiamento e parcerias. Conclui-se que a interação universidade-comunidade no CCB/UFPE está aquém das necessidades e possibilidades, e que a percepção da extensão como articuladora da pesquisa e do ensino é deficiente. Apesar disso, percebe-se um aumento na quantidade e na diversificação das ações, sinalizando que a extensão está lentamente sendo valorizada como prática cotidiana no CCB.

Palavras-chave: extensão universitária, ensino superior, educação permanente, Biologia.

Resumen

La educación universitaria brasileña prioriza la enseñanza y la investigación, sin valorizar las actividades de extensión como fundamento indispensable para la formación profesional. En este artículo, presentamos un análisis de las acciones de extensión en el Centro de las Ciencias Biológicas (CCB) de la Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), realizadas entre 2000 y 2003. En este período, fueron concluídas 110 actividades de extensión, incluyendo proyectos, eventos y cursos. Analizamos las modalidades, líneas de acción, público preferencial, envolvimento académico, producción científica, financiamientos y sociedades. Concluyese que la combinación universidad-comunidad en el CCB/UFPE está por debajo de las necesidades y posibilidades, y que la percepción de la extensión como articuladora de la investigación y de la enseñanza es deficiente. Sin embargo, se nota un

aumento en la cantidad y variedad de acciones, demostrando que la extensión está lentamente siendo valorizada como práctica académica cotidiana en el CCB.

Palabras-clave: extensión universitaria, enseñanza universitaria, educación permanente, Biología.

Abstract

Higher education in Brazil gives preference to teaching and research, ignoring the pivotal role extension activities play in professional training. In this study, we analyze extension activities carried out at the Center of Biological Sciences (CCB) at the Federal University of the State of Pernambuco, Brazil, between 2000 and 2003. During this period, 110 activities took place, including projects, events and courses. We analyzed the categories, subjects, target audience, academic involvement, scientific publications, funding and partnerships. We show that the interaction between university and society is way below their needs and possibilities, and that it is still to be realized that continuing education can be an integration tool for research and teaching. Nevertheless, we notice an increase in the amount and diversification of extension activities, suggesting that they are slowly being appreciated as a daily practice in the academic life at CCB.

Key words: extension activities, continuing higher education, university teaching, Biology.

INTRODUÇÃO

A extensão como elemento de formação universitária

A conquista da interdisciplinaridade entre ensino, pesquisa e extensão representa hoje um dos maiores desafios das universidades brasileiras, e a discussão sobre tal tema assume renovada importância neste momento em que se propõe uma reforma universitária. Enquanto a pesquisa e o ensino têm sido alvo de discussões que originaram elaborados sistemas de avaliação da produção científica e da qualidade dos cursos, a extensão universitária, por outro lado, não recebeu a mesma ênfase, nem sofreu as transformações necessárias em ritmo e intensidade pertinentes para acompanhar a evolução do ensino superior.

Apesar disso, o aumento da visibilidade da extensão nos últimos anos é inegável: periódicos de divulgação foram lançados; publicaram-se editais para financiamento de projetos, e o Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, em suas primeiras edições (2002, em João Pessoa e 2004, em Belo Horizonte) agregou um público interessado em discutir os caminhos da extensão no Brasil e no mundo, constituindo-se em importante fórum de debates das instituições comunitárias, privadas e públicas.

A revalorização da extensão não é alheia às atualizações na formação acadêmica, pois como defende Jezine (2004),

A nova visão de extensão universitária passa a se constituir parte integrante da dinâmica pedagógica curricular do processo de formação e produção do conhecimento, envolvendo professores e alunos de forma dialógica, promovendo a alteração da estrutura rígida dos cursos para uma flexibilidade curricular que possibilite a formação crítica. (p. 3)

Percebe-se, com isso, que a formação do aluno vai além da aquisição de conhecimentos técnico-científicos, até porque esses se esvaziam quando não integrados à realidade. Para uma abordagem inovadora, a aprendizagem deve ir além da aplicação imediata, impulsionando o sujeito a criar e responder a desafios, a ser capaz de gerar tecnologias e de manter a habilidade de aprender e recriar permanentemente; ou seja, a graduação deve se transformar no *locus* de construção/produção do conhecimento, em que o aluno atue como sujeito da aprendizagem (Plano Nacional de Extensão Universitária, 2001). Como defende o Fórum de Pró-Reitores das Universidades Públicas Brasileiras, na formação do profissional é imprescindível sua interação com a sociedade para situá-lo historicamente, identificá-lo culturalmente e referenciar a sua formação técnica à realidade.

Nas Ciências Biológicas, as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação (2001) buscam promover um perfil generalista, humanístico, crítico e reflexivo. Os conteúdos programáticos das disciplinas curriculares devem fomentar a reflexão sobre a realidade do aluno para uma atuação comprometida com a transformação da sociedade. Por outro lado, explicitamente, a extensão é referida nas Diretrizes Curriculares como atividade complementar em que mecanismos de aproveitamento de conhecimentos adquiridos pelo estudante, nessas atividades, devem ser criados pelas instituições, com a opção de incluí-las como parte da carga horária curricular.

A extensão na Universidade Federal de Pernambuco

Na prática, a extensão da UFPE funciona por meio de suas principais instâncias deliberativas: a Pró-Reitoria de Extensão (Proext) e as Coordenações Setoriais de Extensão, lotadas em cada Centro. A dinâmica extensionista institucional envolve formatos ou modalidades que se diferenciam, principalmente, quanto à finalidade, como define o Fórum de Pró-Reitores das Universidades Públicas Brasileiras:

a) *Cursos*: ações pedagógicas planejadas e sistematizadas, de caráter teórico e/ou prático, não inseridas na estrutura curricular dos cursos regulares de graduação ou pós.

b) *Eventos*: ações de interesse acadêmico de cunho educativo, técnico, social, científico, esportivo e artístico, objetivando a divulgação, o desenvolvimento e a ampliação dos conhecimentos produzidos pela Universidade.

c) *Projetos*: ações contínuas, de caráter educativo, social, cultural, científico e tecnológico, articuladas em função dos interesses das comunidades e que visam a contribuir para a formação acadêmica do aluno pela incorporação de conhecimentos adquiridos em atividades desenvolvidas junto à comunidade.

d) *Serviços*: trabalho oferecido a terceiros (comunidade ou empresa), incluindo assessorias, consultorias e cooperação interinstitucional, de caráter permanente ou eventual, executadas com técnicas e habilidades inerente às áreas do conhecimento científico.

As várias possibilidades de ação, integralizadas ao perfil curricular ou como modalidade complementar, exigem um planejamento pedagógico que, segundo Jezine (2004),

se opõe à idéia de que constitua uma atividade menor na estrutura universitária, a ser realizada por professores sem titulação, nas sobras de tempo disponível, e que o trabalho junto às comunidades carentes é uma solidariedade individual. (p. 3)

O crescente interesse dos estudantes na execução de ações não assistencialistas, mas voltadas às demandas da sociedade, denota a importância que estas vêm assumido perante a comunidade acadêmica, o que é imprescindível para realimentar o debate sobre a formação profissional crítica como propõe este artigo.

OBJETIVOS E ESTRUTURA DA PESQUISA

Este artigo tem como objeto de estudo avaliar as ações extensionistas do Centro de Ciências Biológicas (CCB) da UFPE. O CCB atua em três áreas estratégicas: Biodiversidade, Saúde e Biotecnologia e é responsável por quatro cursos de graduação: Bacharelado e Licenciatura em Ciências Biológicas, Bacharelado em Ciências Biológicas/Modalidade Ambientais e Biomedicina. O objetivo do estudo é caracterizar o perfil das atividades extensionistas do CCB, suas limitações e desafios, assim como as perspectivas da área, tendo em vista a formação profissional do estudante. Pretende-se, com esta avaliação, aferir o envolvimento dos docentes e alunos, identificar temas subexplorados e reconhecer iniciativas de sucesso que merecem ser ampliadas. Por último, busca-se analisar a inserção da prática extensionista na formação do estudante.

A pesquisa foi estruturada a partir dos dados catalogados na Coordenação Setorial de Extensão do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco, no período de 48 meses, de janeiro de 2000 a dezembro de 2003, analisando-os sob os seguintes critérios: modalidades de ação, linhas de atuação, público beneficiado, unidades executoras, financiamento e parcerias, produção técnico-científica e envolvimento acadêmico.

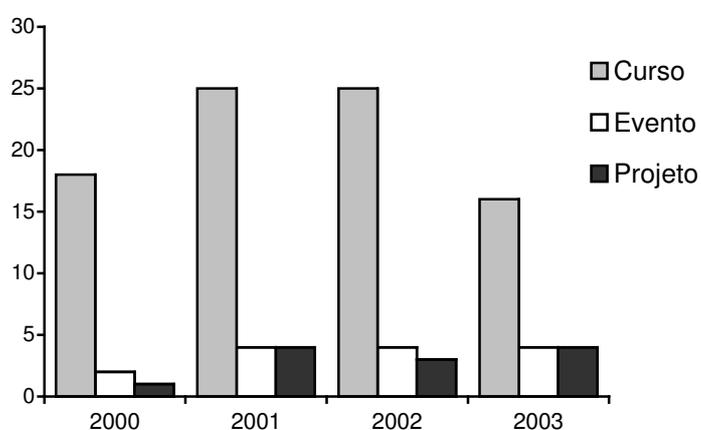
AÇÕES EXTENSIONISTAS DO CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Modalidades de Ação

Entre 2000 e 2003, foram executadas no Centro de Ciências Biológicas 110 ações de extensão, distribuídas da seguinte forma: 84 cursos, 14 eventos e 12 projetos contemplados com bolsas de extensão. Constatou-se um aumento gradual da oferta de ações (Gráfico 1), excetuando-se o ano

de 2003, atípico em decorrência da paralisação nas universidades federais, que alterou o calendário acadêmico, dificultando o planejamento das atividades. Mesmo assim, os valores sugerem que a extensão vem se consolidando no Centro.

Gráfico 1 – Evolução anual das ações extensionistas desenvolvidas no Centro de Ciências Biológicas da UFPE, segundo a modalidade – 2000 a 2003



Os cursos formaram o caráter extensionista mais expressivo do CCB, representando 76,4% das ações registradas. Observou-se, no período, uma média de 21 cursos por ano, com carga horária média aproximada de 37 horas. As vantagens dessa modalidade incluem a curta duração, flexibilidade de horário de execução e, principalmente, o atendimento a um público com objetivos mais específicos. Os cursos tiveram uma média de 25 participantes, entre estudantes universitários, técnicos e profissionais da Biologia e áreas afins. Os temas mais frequentes envolveram atualização em Química Orgânica, Biossegurança, Coleta de Sangue, Ofidismo, Bioquímica e Farmacologia, entre outros.

A segunda categoria mais representativa do CCB foram os eventos (12,7% dos registros) com carga horária média de 28 horas, destinados, prioritariamente, a alunos de graduação e pós, e a professores do ensino básico das redes públicas e privadas. Houve diversificação na natureza dos eventos, que incluíram, por exemplo, a Semana de Ciências Ambientais, Exposição de Peças Anatômicas e a Semana de Biomedicina.

Os projetos com bolsas de extensão (10,9% do total das ações), devido ao seu formato interdisciplinar, acolheram simultaneamente estudantes e professores de diversos centros acadêmicos e cursos (Ciências Biológicas, Medicina, Terapia Ocupacional, Enfermagem, Biomedicina). Projetos de Extensão são atividades mais completas por sua dimensão acadêmica, política, social e cidadã. A comunidade contemplada participa ativamente de sua execução, imprimindo ritmo e mudanças ao longo do projeto. É co-autora dos produtos gerados, que incluem folhetos educativos, seminários, artigos, apostilas, cartilhas, relatórios técnicos, oficinas artísticas, protocolos de análise de água, textos paradidáticos, montagens de laboratórios didáticos, maquetes, *kits* experimentais, atividades artísticas, jogos educativos, hortas comunitárias, eventos e capacitações. No CCB e na UFPE como um todo, a insuficiente oferta de bolsas ainda é um fator limitante da execução de projetos, embora a Proext venha ampliando, a cada ano, o número de projetos contemplados.

A extensão envolve, ainda, serviços prestados à comunidade, na forma de consultorias, treinamentos, assessorias, capacitações, análises e diagnósticos laboratoriais, orientações pedagógicas e elaboração de materiais didáticos para feiras e exposições de Ciências, testes de determinação de paternidade, monitoramento ambiental, entre outros. Mesmo amplamente divulgadas no Catálogo de Serviços da UFPE, diversas ações com este caráter têm sido oferecidas sem terem sido registradas como atividades de extensão.

A disciplina eletiva “Projeto de Extensão”, resultante do esforço conjunto da Pró-Reitoria de Extensão (Proext) e da Pró-Reitoria para Assuntos Acadêmicos (Proacad), só foi oferecida uma única vez entre 2000 e 2003, pelo Departamento de Antibióticos, dentro da linha temática “Educação”. De caráter institucional, essa disciplina pode ser oferecida por qualquer curso de graduação e é aberta a todos os alunos de graduação da UFPE.

É importante salientar que o CCB participou ativamente de outras ações de extensão, de caráter institucional, coordenadas pela Proext, como o “Verão no Campus”, e o “Vivendo o Campus”, eventos de grande porte que costumavam ser realizados anualmente, mas que se encontram temporariamente interrompidos.

Linhas de Atuação

As áreas temáticas que melhor definiram o campo de atuação do Centro de Ciências Biológicas, entre 2000 e 2003, foram: Saúde (37,3% do

total das ações), Trabalho (18,2%) e Educação (16,4%) (Tabela 1). Analisando-se cada ação por área de atuação, percebe-se que “Saúde” responde por 35,7% de todos os cursos oferecidos e 50,0% dos eventos feitos no período. O fato de o CCB contemplar o curso de Biomedicina e as disciplinas do núcleo básico de cursos das áreas médicas e afins justifica a maior quantidade de ações nessa linha de atuação, especialmente no campo da Saúde Pública. Refletindo a própria natureza do CCB, áreas como “Direitos Humanos”, “Comunicação” e “Cultura” não foram contemplados com ações extensionistas nesse período.

Tabela 1 – Ações de extensão desenvolvidas pelo Centro de Ciências Biológicas da UFPE, de acordo com as linhas de atuação – 2000 a 2003

TIPO DE AÇÃO	COM	CUL	EDU	MA	DH	SAU	TEC	TRA	O/NI	TOTAL
Curso	0	0	13	4	0	30	1	19	17	84
Evento	0	0	2	3	0	7	0	1	1	14
Projeto	0	0	3	4	0	3	0	0	2	12
TOTAL	0	0	18	11	0	41	1	20	20	110

COM = Comunicação; CUL = Cultura; EDU = Educação; MA = Meio Ambiente; DH = Direitos Humanos; SAU = Saúde; TEC = Tecnologia; TRA = Trabalho; O/NI = Outros e/ou Não-Informados.

Público Beneficiado

A quantidade total de beneficiados em cursos de extensão foi de 2.188, assim distribuídos: 297 participantes em 2000, 675 em 2001, 737 no ano de 2002 e 479 participantes em 2003. Os cursos contemplaram principalmente estudantes da própria universidade e de outras instituições, técnicos e profissionais de Biologia ou de áreas afins.

Os eventos contemplaram 24.105 pessoas, sendo 5.236 em 2000, 5.274 em 2001, 5.190 pessoas em 2002 e 8.405 no ano de 2003. Os beneficiados abrangeram prioritariamente graduandos e professores do ensino básico das redes públicas e privadas.

Os projetos foram desenvolvidos praticamente em comunidades populares da Grande Recife ou em escolas da rede pública. O público beneficiado é difícil de ser estimado, uma vez que a previsão inicial nem sempre considera o alcance da ação em longo prazo e não inclui a ação de agentes multiplicadores.

Unidades Executoras

O CCB é composto por dez departamentos (ver Tabela 2), dos quais a maior oferta de atividades foi executada pelos Departamentos de Anatomia (48 ações), de Zoologia (14 ações) e Antibióticos (10 ações). O Departamento de Anatomia está tradicionalmente aberto à interação com professores e alunos das redes pública e privada do ensino básico, com cursos na área de Saúde e com o evento intitulado Exposição de Peças Anatômicas. Esse evento anual envolve uma equipe de trabalho com mais de 100 monitores – estudantes dos cursos das áreas de saúde e biológicas, todo o pessoal técnico-administrativo e docentes do Departamento – e recebe mais de 5.000 pessoas por ano.

Tabela 2 – Ações de extensão executadas pelo Centro de Ciências Biológicas da UFPE, de acordo com a unidade administrativa proponente – 2000 a 2003

DEPARTAMENTO	CURSO	EVENTO	PROJETO	TOTAL
Anatomia	44	4	0	48
Antibióticos	9	0	1	10
Biofísica e Radiobiologia	0	0	4	4
Bioquímica	5	0	0	5
Botânica	2	1	2	5
Fisiologia e Farmacologia	7	0	2	9
Genética	0	0	0	0
Histologia e Embriologia	2	1	0	3
Micologia	0	0	1	1
Zoologia	10	2	2	14
Outros	5	6	0	11

O Departamento de Zoologia iniciou em 2002 uma série de eventos, como a Semana de Atualização em Ensino de Biologia, que privilegiam licenciandos da UFPE e de outras instituições de ensino superior e professores do ensino básico.

O Departamento de Antibióticos promove regularmente atividades de atualização profissional, com cursos de Química Orgânica Básica e Formação de Recursos Humanos em Biossegurança e Riscos Biológicos, este último em parceria com o Ministério da Ciência e Tecnologia/CNPq.

Em 2002, executou o Projeto de Extensão “Análise Bacteriológica de Águas Provenientes de Creches, Asilos e Poços Artesianos Situados Próximos ao Campus da UFPE”, cujo trabalho completo foi premiado no I Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, em João Pessoa.

Verificou-se que alguns Departamentos não tiveram qualquer modalidade de ação registrada, o que não significa que não tenham realizado algo nesse sentido. O proponente pode desconhecer os trâmites para registro, não estar suficientemente esclarecido sobre o que é uma ação de extensão, ou pode ter optado por não registrá-la em seu departamento, oferecendo-a através de outro vínculo ou formato. Os Diretórios Acadêmicos, por sua vez, realizaram eventos de atualização acadêmica ou político-organizacionais em parceria com a Direção do CCB. A Coordenação Setorial de Extensão, no âmbito de sua atuação, realizou eventos para discutir e difundir a extensão universitária.

Financiamento e Parcerias

As ações desenvolvidas pelo CCB são geralmente gratuitas ou financiadas pelos recursos captados com inscrições dos participantes. Dos cursos oferecidos, 89,3% envolveram o pagamento de alguma taxa (na maioria dos casos apenas para cobrir custos), enquanto para eventos esse percentual foi de 57,1%. Os projetos funcionaram praticamente de maneira voluntária, mas a Pró-Reitoria de Extensão contribuiu, concedendo bolsas para estudantes de graduação sob a orientação pedagógica de docentes.

Observou-se que os projetos não costumam estabelecer parcerias para apoio financeiro, provavelmente por falta de experiência dos professores em lidar com a captação de recursos em atividades distintas da pesquisa científica “tradicional” ou pela escassez de editais para a extensão. Entretanto, o Curso de Formação de Recursos Humanos em Biossegurança, em suas duas edições, obteve apoio financeiro do CNPq, possibilitando a vinda de palestrantes de diversos Estados, a produção e distribuição de material didático.

Nem sempre o sucesso das parcerias é resultado direto do apoio financeiro. Uma experiência extensionista de destaque na UFPE, que tem como parceiros o Centros de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN) e o CCB, é o Programa Professores do Terceiro Milênio. Trata-se de um pré-vestibular inclusivo, dedicado a estudantes provenientes de escolas públicas, que tem por finalidade reforçar os cursos de Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco e aumentar a competitividade de alunos carentes em busca de uma vaga nas universidades federais

(Vasconcelo, Lima, 2004). A experiência permite ao aluno-professor, selecionado nos cursos de Licenciatura, a aproximação, desde cedo, com a realidade educacional do País e com a problemática envolvida.

Produção Técnico-Científica em Extensão

A produção gerada por docentes, pelo pessoal técnico-administrativo e pelos estudantes do Centro é ínfima. Uma iniciativa da Proext, objetivando divulgar as ações extensionistas realizadas pela UFPE, consistiu na editoração, entre 1998 e 2001, dos *Cadernos de Extensão*, que contaram com alguns artigos de docentes do CCB. A limitada publicação reflete não apenas a dificuldade em transformar as experiências de extensão em artigos, mas também a escassez de periódicos específicos na Região Nordeste.

A reduzida produção bibliográfica extensionista não surpreende; isto porque, em um ambiente onde o índice de impacto de publicações regula o reconhecimento profissional, revistas de cunho extensionista certamente não provocam o impacto “necessário”. As exigências de agências de fomento e regulamentação de Mestrados e Doutorados priorizam artigos publicados em revistas internacionais indexadas em áreas específicas das Ciências Biológicas. Revistas extensionistas sequer são consideradas na análise da produção docente em cursos de pós-graduação, talvez pela dificuldade em adequar a ação extensionista a uma linha de pesquisa dentro do programa de pós-graduação, e também porque tais revistas ou não são indexadas, ou receberam conceito “C” da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, desestimulando os docentes a redigir um artigo pouco valorizado pelos pares.

Durante a realização dos Encontros de Extensão – Enext, promovido pela Proext, foram apresentados 12 resumos originados de projetos do CCB. Por último, destacamos que, a partir de 2002, com o I Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, criou-se um fórum de divulgação de ações e idéias, compartilhando-se experiências, discutindo-se problemas comuns e buscando soluções. Naquela ocasião, foram apresentados cinco trabalhos completos do CCB/UFPE.

Envolvimento Acadêmico

Observou-se que, na organização dos cursos oferecidos de 2000 a 2003, houve a participação total de 43 professores, 16 técnicos e 22

estudantes. Nos eventos, o total de envolvidos na promoção e execução foi de 36 professores, 19 técnicos e 657 estudantes. Os projetos, por sua vez, envolveram 10 professores, 1 técnico e 33 estudantes, sendo todos os coordenadores docentes do CCB. A participação de pessoal técnico-administrativo nos cursos e eventos é ainda bastante limitada. Estudantes de graduação e pós-graduação são convidados pelos organizadores para trabalhar como monitores ou, eventualmente, como facilitadores.

Deve ser ressaltado que os valores relativos à participação discente incluem estudantes de outros centros, como o de Ciências da Saúde, e que os nomes dos alunos podem estar repetidos em mais de uma atividade, de modo que o valor pode estar superestimado. Considerando-se que o Centro de Ciências Biológicas até o ano de 2003 era formado por 166 docentes, 102 técnicos e 1.986 estudantes, a participação geral pode ser, ainda, considerada extremamente pequena.

DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A análise das ações do Centro de Ciências Biológicas reflete a ação extensionista da UFPE e da maioria das universidades brasileiras. A excelência do corpo discente, seu elevado nível e a infra-estrutura disponível são subutilizados em programas de extensão. O cotidiano do professor universitário – cada vez mais sobrecarregado de obrigações burocráticas – concentra-se em atividades de ensino e pesquisa. Cobra-se do docente produção científica de impacto, mesmo quando faltam recursos, materiais, equipamentos, infra-estrutura e pessoal de apoio. Cobra-se qualidade de ensino, uma definição vaga que sequer inclui a avaliação do envolvimento do docente em ações de cunho social no ambiente acadêmico – institucionalizadas em sua maioria através das ações de extensão. Cobranças e valorizações relativas a ações de extensão, entretanto, são ainda uma realidade distante.

Certamente, há um longo caminho a ser percorrido até que a extensão universitária seja incorporada ao dia-a-dia da universidade pública. Tal desafio inclui a necessidade de realizar projetos de largo alcance social, educacionais e não assistencialistas, de diversificar o público participante de cursos e eventos, e desenvolver estratégias de captação de recursos financeiros e parcerias, sem ferir o princípio da educação gratuita nem enveredar por uma ótica mercantilista. As instâncias pertinentes (por exemplo, Pró-Reitorias Acadêmica e de Extensão e Coordenações Setoriais de Extensão) devem se esforçar para inserir, na estrutura curricular, disciplina(s) ou tópicos de caráter extensionista na graduação, e também

estimular a participação de alunos de Especialização, Mestrado e Doutorado em tais iniciativas.

Para Pierson e outros (2003), a inserção da extensão requer uma flexibilização da estrutura curricular que viabilize o envolvimento dos alunos com atividades de extensão que pudessem ser creditadas como componente curricular. De modo mais ousado, poderia ser tentado um modelo que inserisse a extensão como um eixo de formação contínuo (produção de conhecimento e intervenção profissional), que se iniciaria no primeiro semestre e se estenderia até o último. Nas Ciências Biológicas, esse modelo deveria estimular a pesquisa científica logo nos primeiros semestres; a partir do segundo ano, buscar-se-ia fomentar nos alunos a participação em projetos de campo nas áreas de Saúde, Biotecnologia e Meio Ambiente, áreas que se prestam a uma abordagem prática, de resolução de problemas contextualizados.

Consideramos a atual formação do profissional deficiente por não despertar no aluno uma afinidade com as questões sociais freqüentemente ignoradas na universidade. Em nossa experiência diária, observamos um perigoso distanciamento do aluno das grandes questões políticas, socioeconômicas e, por último, mas não menos importante, científicas. Uma breve pesquisa entre os graduandos do Centro de Ciências Biológicas da UFPE revelou que a enorme maioria não participa – nem nunca participou – de qualquer tipo de trabalho voluntário organizado. Prioriza-se o conhecimento dito técnico e com isso corre-se o risco de formarmos profissionais preparados para desafios tecnológicos, mas insensíveis ao uso social da Ciência gerada na academia ou sem o treinamento adequado para aproveitar o conhecimento popular na retro-alimentação do conhecimento científico. Pierson e outros (2003) destacam nesse contexto:

a importância de flexibilização para uma nova estruturação curricular, menos rígida e mais adequada às necessidades de formação de profissionais cidadãos; uma estrutura que, abandonando as práticas vigentes de caráter instrucionista – o número excessivo de créditos e de disciplinas encadeadas – enfatize a (re)construção do conhecimento, tendo os alunos como pólo nucleador.

As Diretorias de Centros Acadêmicos, Chefias de Departamentos, Coordenações Setoriais de Extensão e outras instâncias internas necessitam dar mais incentivo à organização de eventos, cursos e projetos de caráter extensionista em que a participação de discentes seja imperativa. Isso exige a disponibilidade de infra-estrutura e o envolvimento do corpo administrativo para agilizar os trâmites burocráticos.

Nem todas as mudanças necessárias exigem aporte de recursos financeiros. Acreditamos que o problema maior é conceitual, filosófico e

organizacional. Como defender a inserção da extensão no ambiente acadêmico se a própria comunidade tem sérias dificuldades de percepção sobre *o que é extensão*? Tais dúvidas não são injustificadas. Convencionou-se entender extensão como aquilo que “não é nem ensino nem pesquisa”, para citar um lema corrente em muitos círculos universitários; ou como uma prestação de serviços, ou ainda como uma ação beneficente, assistencialista, voltada exclusivamente para populações carentes. Ora, sabe-se que a extensão vai muito além disso; trata-se de uma estratégia de construção de conhecimento conjunto, utilizando os saberes do agente responsável (professor, como mediador) junto com a comunidade externa (não necessariamente carente de recursos financeiros). Este conhecimento é assim *co-produzido* (Freire, 1983), pois é transformado pela própria experiência de trabalho coletivo. Parte de problemas práticos de um segmento da sociedade e tenta resolvê-los através da conjunção de esforços. Ao extensionista cabe o papel de guia nesse processo, e nunca de detentor do conhecimento final, imutável, como acontece (comumente) com a pesquisa.

Para que as experiências bem sucedidas de extensão sejam socializadas por vários departamentos, centros e universidades, é fundamental divulgá-las nos meios pertinentes. Esses meios são representados, entre outros, por eventos de extensão e artigos publicados em revistas especializadas. O apoio à participação de profissionais em congressos de extensão é ainda pequeno, e parte de iniciativas isoladas dentro da UFPE. Além das revistas da área de educação, que se dispõem a publicar experiências extensionistas, já se observa uma consolidação de periódicos destinados a relatar experiências, pontos de vista, revisões e resenhas sobre a extensão universitária. Portanto, não se admite mais o argumento de que faltam espaços para divulgar e trocar experiências sobre extensão no Brasil.

CONCLUSÃO

O estímulo à interação universidade-comunidade como elemento da formação do graduando situa-se ainda bastante aquém de suas necessidades e possibilidades. Apesar do panorama traçado com esta pesquisa revelar limitações na ação extensionista, a tendência é a ampliação da quantidade e da valorização da extensão nos próximos anos no Centro de Ciências Biológicas da UFPE. Isso envolve reconsiderar as atribuições de todas as instâncias envolvidas e entre unidades executoras internas (por exemplo, a Pró-Reitoria para Assuntos Acadêmicos poderia buscar uma

maior integração com a Pró-Reitoria de Extensão). Percebe-se claramente um aumento na oferta de ações de extensão e, mesmo limitado, no envolvimento da comunidade acadêmica como um todo – professores, estudantes e pessoal técnico-administrativo –, principalmente na realização de projetos.

Para os próximos anos, pretende-se:

a) Discutir o papel da extensão como articuladora do ensino e da pesquisa, assim como a sua força transformadora da realidade, incentivando o debate em todos os espaços da UFPE, e sua importância na formação do profissional da área de Ciências Biológicas.

b) Implementar, com periodicidade, uma disciplina de extensão que permita discutir as correntes conceituais sobre extensão universitária e as perspectivas da extensão diante dos novos desafios de formação profissional.

c) Acompanhar e avaliar, periodicamente, o desenvolvimento das atividades, oferecendo parâmetros de avaliação do cumprimento de metas, maximizando as chances de sucesso das ações.

d) Estimular a releitura dos conteúdos programáticos das disciplinas acadêmicas como ponto de partida para a flexibilização curricular.

e) Sugerir a inclusão de novas abordagens na avaliação institucional dos cursos de graduação e pós que contemplem o envolvimento dos estudantes em atividades extensionistas.

f) Ampliar a participação do CCB em experiências vigentes, como o Programa Professores do Terceiro Milênio, e outras iniciativas integradas à UFPE.

g) Estimular a participação em eventos de extensão com apresentação de trabalhos, a submissão de artigos a periódicos indexados nacionais, contando com a participação de estudantes em um maior número possível de etapas.

h) Buscar apoio financeiro em órgãos de fomento e de parcerias externas (prefeituras, empresas, organizações não-governamentais), para viabilizar a realização de projetos mais ousados.

i) Integrar a comunidade externa ao dia-a-dia acadêmico da UFPE, valorizando inclusive áreas temáticas de atuação negligenciadas, como a Cultura.

Sabemos que tal desafio é enorme, e que o ritmo de transformação da ótica extensionista precisa ser acelerado para que se cumpram os objetivos almejados. Como afirmam Andrade e Silva (2001),

Se aceitarmos que a extensão tem sido, historicamente, fonte de possibilidades para o aprimoramento da instituição universitária, cabe a nós, membros da instituição, ampliar as ações extensionistas e, assim, caminhando juntos com a sociedade, equacionar e mesmo solucionar os problemas que afligem o país, mantendo, no entanto, o operar autônomo desta instituição que vem realizando a rede de conversações acadêmico-científicas que a define.

O papel transformador da extensão universitária somente poderá se firmar como práxis de uma universidade pública quando professores, alunos, pessoal técnico-administrativo e gestores assumirem o compromisso com a transformação da realidade educacional brasileira. Os pequenos avanços constatados parecem apontar para esse caminho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Luiz Antônio Botelho; SILVA, Edson Pereira. A Universidade e sua relação com o outro: um conceito para extensão universitária. *Educação Brasileira*, v. 23, n. 47, p. 65-79, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Ciências Biológicas. Brasília, 6 nov. 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>> Acesso em: 4 jun. 2005.

FONSECA, Sérgio Azevedo; LORENZO, Helena Carvalho. Breve Perfil das Atividades de Extensão nas Unidades da UNESP, Campus de Araraquara: um enfoque na transferência de tecnologia e conhecimento. *Revista Ciência em Extensão*, v. 1, n. 2, p. 112-129, 2004

FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, 93p.

JEZINE, Edineide. As Práticas Curriculares e a Extensão Universitária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2. *Anais do...* Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/congrext/Gestao/Gestao12.pdf>> Acesso em: 15 mai. 2005.

PIERSON, Alice Helena Campos; CORTEGOSO, Ana Lucia; ARAÚJO FILHO, Targino de. Flexibilização curricular: experiências e perspectivas. In: THIOLENT, Michel; CASTELO BRANCO, Alba Lúcia; GUIMARÃES, Regina Guedes Moreira; ARAÚJO FILHO, Targino de. (org.). *Extensão universitária: conceitos, métodos e práticas*. Rio de Janeiro, v. 1, p. 41-55, 2003.

REDE NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. Documentos. Plano Nacional de Extensão Universitária, 2001. Disponível em: <<http://www.renex.org.br>> Acesso em: 15 dez. 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários. PRAC Notícias. In: CONGREX, 1. *Anais do...* Disponível em: <<http://rtprac.prac.ufpb.br>>. Acesso em: 10 jun. 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Pró-Reitoria de Extensão. *Relatório PROEXT: 1999/2003*. Recife, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão. Resolução 04/97. Dispõe sobre as atividades de extensão e dá outras providências. Recife, 1997.

VASCONCELOS, Simão Dias; LIMA, Kênio Erithon Cavalcante. Inclusão Social e Acesso às Universidades Públicas: o Programa "Professores do Terceiro Milênio". *Estudos em Avaliação Educacional*, n. 29, p. 67-86, jan./jun. 2004.

Recebido em: julho 2005

Aprovado para publicação em: setembro 2005

